

Autoras Diaspóricas: um diálogo possível entre Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie

*Diasporic Authors: a possible dialogue between Conceição
Evaristo and Chimamanda Ngozi Adichie*

Alessandra Barbosa Adão
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
aleadao@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0002-4975-5143>

RESUMO

O texto mobiliza o campo da Diáspora e a categoria de Amefricanidade, além de recorrer aos Estudos Culturais pós-coloniais, para propor um diálogo possível entre/sobre os projetos políticos e literários das autoras: Conceição Evaristo¹ e Chimamanda Ngozi Adichie². Ademais, se ancora nos estudos da Diáspora Africana e da América Latina para compreender e analisar o abalo que as autoras privilegiadas nessa escrita se propõem. Nesse sentido, dialoga com Stuart Hall, Paul Gilroy, Édouard Glissant, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba e outras/os autoras/es para traçar alguns paralelos possíveis, de fricção e de abalo do sistema mundo, através da escrita literária.

Palavras-chave: Diáspora; Literatura; Mulheres Negras.

ABSTRACT

The text engages the field of Diaspora and the category of Amefricanity, in addition to drawing on postcolonial Cultural Studies, to propose a possible dialogue between/about the political and literary projects of the authors: Conceição Evaristo and Chimamanda Ngozi Adichie. Furthermore, it is anchored in studies of the African Diaspora and Latin America to understand and analyze the impact that the authors highlight in this writing. In this sense, it dialogues with Stuart Hall, Paul Gilroy, Édouard Glissant, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, and other authors to draw some possible parallels of friction and transformation of the world system through literary writing.

Keywords: African Diaspora; Literature; Black Women.

1 Maria da Conceição Evaristo é Graduada em Letras pela UFRJ, Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ, e Doutora em Literatura Comparada pela UFF (RJ). Publicações: Ponciá Vicêncio (2003), Becos da Memória (2006), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), Olhos D'água (2014), Histórias de leves enganos e parencas (2016), Macabea, flor de mulungu (2023).

2 Chimamanda Ngozi Adichie é Formada em Comunicação e Ciência Política, Mestre em escrita criativa na Johns Hopkins University, em Baltimore. Publicações: Purple Hibiscus (2003), Half of a Yellow Sun (2006), The Thing around Your Neck (2009), Americanah (2013), We Should All Be Feminists (2014), Dear Ijeawele, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions (2017).

INTRODUÇÃO

O texto em tela ancora-se nos estudos da Diáspora, e em particular da Diáspora Africana, e da categoria de Amefricanidade, tendo como base o arcabouço literário e político de Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie, na intenção de compreender e analisar o quanto os fluxos e influxos, gerados pelos deslocamentos diaspóricos, vão influenciar o labor literário e político destas escritoras e a formação de suas identidades dinâmicas, indo além da restituição e reparação da humanidade de um povo na diáspora.

Nesse sentido, dialoga com Stuart Hall, Paul Gilroy, Édouard Glissant, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba e outras/os autoras/es para traçar alguns paralelos possíveis, de fricção e de abalo do sistema mundo, através da escrita literária. E, também, Roland Walter e Isaias Carvalho para compreender como tais narradoras pós-coloniais tem um compromisso em narrar suas experiências.

DESDOBRAMENTOS DA DIÁSPORA AFRICANA E DA CATEGORIA DE AMEFRICANIDADE

A população negra, no esgarçar do tempo, territórios e história, tem vivenciado experiências distintas nas Américas devido ao trânsito forçado do Continente Africano para essas terras e, também, para a Europa e a Ásia. O marco histórico dessa movimentação, em idos de 1500, ocasionou um fluxo intenso no cruzamento do Atlântico sequestrando cerca de 11,2 milhões de africanos, levando 450 mil pessoas para os Estados Unidos, 4,8 milhões para o Brasil e outros tantos para a América Latina e Caribe. (Gates Jr., 2014). Por isso, muitos estudiosos têm buscado entender os aspectos desse deslocamento denominado de Diáspora que, neste estudo específico, focaliza-se na Diáspora Africana.

Assim, Paul Gilroy traz algumas contribuições para esse campo, principalmente, quando apresenta os conceitos de “Atlântico Negro” e “Diáspora” que permeou a vida do povo negro na travessia transatlântica, visto que esse lança um olhar de revisão crítica e alternativa sobre as ideias rígidas de fronteiras e nação. Para esse autor, a busca por uma “raiz original e única” de nação não é mais possível, pois direciona o pensamento para os abalos que os negros ocasionaram nos deslocamentos, fluxos e refluxos intercontinentais

gerados no trânsito forçado entre os continentes na vivência colonial. Nesse sentido, Gilroy indica que o Atlântico Negro se constitui de formas culturais e identidades híbridas, fluídas, dinâmicas, permeadas pela desterritorialização, em que se torna:

[...] uma dimensão esquecida da modernidade e da escravidão, e remete ao sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à ideia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo. Refere-se metaforicamente às estruturas transnacionais criadas na modernidade que se desenvolveram e deram origem a um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais entre as populações negras, a partir da diáspora africana. (Gilroy, 2001, p. 29).

No tocante a diáspora, Gilroy sinaliza que essa “pode ser usada para instaurar com urgência um modelo “caótico” no qual pontos de atração estranhos e mutantes são os únicos aspectos visíveis de uma frágil estabilidade em meio à turbulência social e cultural” (Gilroy, 2001, p. 157). De tal modo, se tomarmos como exemplo os trabalhos de Édouard Glissant e Frantz Fanon, que tanto Gilroy cita no *Atlântico Negro* (2001), pode-se inferir o quanto os abalos decorrem a partir e na linguagem e nas artes que acabam influenciando a turbulência daquela raiz única.

Isso se deve, pois, ao migrante nu – “aquele que foi transportado à força para o continente e que constitui a base do povoamento dessa espécie de circularidade fundamental que, no meu entendimento, o Caribe constitui” (Glissant, 2005, p. 17) –, visto que enxerga a tentativa de reconstituir, arquitetar e recriar o território, a partir da imprevisibilidade, principalmente, no campo da poética, da linguagem crioula e das artes em geral.

Nesse sentido, além desse migrante criar formas diferenciadas de vivenciar esse novo espaço em diversos aspectos, vai experienciar, também, a “implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá [...] uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva, caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de pensar e agir” (Walter, 2011, p. 11). A tensão vivida por essa desterritorialização e reterritorialização (Walter, 2011) é marcada por esse entre-lugar fronteiro que denota um espaço geográfico e temporal, mas que se recria numa outra nação, por meio dos rastros-resíduos que constitui “uma dimensão nova daquilo que é necessário opormos, na situação atual do mundo, ao que chamo de pensamentos de sistema ou sistemas de pensamento” (Glissant, 2005, p. 20).

É nessa retomada e reconstituição que esses sujeitos formatam a cultura e suas identidades, antes dilaceradas, já que esse processo tende a explodir e desestabilizar as

seduzentes normas (Glissant, 2005). Dessa maneira, para o sujeito pós-moderno a identidade fixa e rígida é uma fantasia, já que a “identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, [...] vistos por outros” (Hall, 2006, p. 39).

Além disso, para as pessoas que experienciaram a diáspora, o caso dos negros escravizados, os deslocamentos, os sincretismos, os processos de miscigenação e a criouliização vão intensificar o abalo das identidades originais (Hall, 2003), tornando-se múltiplas, visto que se constitui a partir dos rastros-resíduos deixados por essa população pelo caminho. Cabe delimitar que na atualidade esses povos vão vivenciar uma outra experiência diaspórica, conforme menciona Sandra Regina Goulart Almeida ao realizar a leitura do arcabouço literário da escritora afro-canadense Dionne Brand, em que “ênfatisa o deslocamento, a memória e o esquecimento e reitera a insistente impossibilidade de retorno a um ponto inicial que não pode mais ser concebido em termos de origens” (Almeida, 2012, p. 50 *apud* Brand).

Na esteira desse pensamento, Brand sinaliza que esses sujeitos vão vivenciar esses deslocamentos geográficos e culturais de forma contínua, apresentando uma estética diaspórica contemporânea, voltando-se, assim como os autores aqui apresentados, para a escrita entendendo-a como campo de disputa ao se reivindicar e delimitar seu ponto de vista diaspórico. A par disso, ao olhar para a obra de Chimamanda Ngozi Adichie se reconhece esse viés, visto que a autora vive um intenso trânsito entre a Nigéria e o Estados Unidos da América, em condições sociais privilegiadas, mas que demarca e evidencia em suas obras de onde vem, suas raízes e sua língua materna, o Igbo/Ibo.

Esse aspecto se aproxima do que Lélia Gonzalez e Édouard Glissant denotam de “pretuguês” e/ou “criouliização”³, uma evidente marca do contato da autora com o espaço diaspórico das Américas e que tem bases na categoria de Amefricanidade, que será explicada posteriormente. Neste caso, não é a língua do colonizador que possui marcas da africanização, ao contrário, ela resiste e provoca uma modificação no inglês. De tal modo, acaba por representar textualmente o espaço de seu país, incluindo o Igbo no discurso romanesco, o inglês crioulo nigeriano e as marcas das narrativas orais, uma das principais características da Literatura Nigeriana.

³ Tanto Lélia Gonzalez, quanto Édouard Glissant vão discorrer sobre o processo de criouliização que são formas de resistência, muitas vezes através da linguagem e das artes em geral, em que negras e negros escravizados/as vão inserir seus trejeitos, costumes e maneiras de falar na língua do colonizador nas Américas. No Brasil, temos o “pretuguês”, no Caribe a língua crioula.

Diante disso, pululam “igbês” em sua obra, seja a partir dos nomes das personagens, seja nas falas destes, mantendo-se nas traduções. Dentre os vários exemplos, podemos citar a expressão *Nne* – maneira carinhosa para chamar alguém, e *kedu?* – que indica a pergunta “como vai você?”, além desses, podemos citar o trecho em que Ugwu canta uma música Igbo após o pedido do patrão, no romance *Meio Sol Amarelo* (2006),

“Sah?” “Me cante uma música.” “Sah?” “Me cante uma música. Que músicas você conhece? Cante!” O Patrão tirou os óculos. Franziu a testa sério. Ugwu começou a cantar uma velha música que tinha aprendido na fazenda do pai. Seu coração batia dolorido no peito. “*Nzogho nzoghu enymba, enyi...*” (Adichie, 2006, p. 12)

Para esses personagens existe um valor profundo na palavra oralizada, força vital de memória e afeto com os seus familiares, que são relembrados na enunciação da música. Essa perspectiva é marcante na obra de Chimamanda, não apenas pelo destaque na narrativa, mas também quando da feitura da escrita, principalmente, em *Meio Sol Amarelo*. A autora menciona, em entrevista para o *Jornal El País*, que se sentia “como se a história me tivesse pedido. [...] eu tinha essa sensação, porque levava essa carga familiar e estava muito obcecada. Queria homenagear meu avô e ver como [a Guerra] dividiu meus pais e teve impacto na minha própria vida.” (Adichie, 2017, p. 1).

Assim, ao que parece Chimamanda experiencia o que Stuart Hall chama de rediasporização – em que, “o Caribe é em si uma diáspora da África, os caribenhos que migram para a Europa e América sofrem o processo de uma diáspora da diáspora (2004, p. 431)”, que direta ou indiretamente marca o material literário desta autora, transitando de forma física e literária por várias fronteiras continuamente.

Avançando, mesmo que a categoria Amefricanidade não seja tão pulsante na obra de Chimamanda, cabe situar esta que ressoa mais nos escritos de Conceição Evaristo. A Amefricanidade é uma categoria criada pela intelectual negra, Lélia Gonzalez, na década de 1980, que abarca o contexto diaspórico vivido pela população negra e indígenas nas Américas, materializando a resistência dos povos colonizados e as estratégias de recuperação de suas histórias. Para Lélia, a América Africana é permeada por uma latinidade, que mais do que a troca do “t” pelo “d” apresenta uma assunção criativa e nova dos que vivem na América Latina (Gonzalez, 1988), de ruptura com a neurose cultural brasileira, ou seja, com o mito da democracia racial. A autora aponta a virada ontológica e epistemológica desse povo, a partir de tal categoria:

As implicações políticas e culturais da categoria de Amefricanidade (“Amefricanity”) são, de fato, democráticas; exatamente por que o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, bante e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. (Gonzalez, 2018, p. 329-330).

Por esses termos, Lélia Gonzalez sinaliza para um *continuum* vivido e vivo na sociedade brasileira, principalmente, para confrontarmos e superarmos os aspectos “territorial, linguístico e ideológico” que o mito da democracia racial, por muito tempo, insistiu em apagar. Nesse sentido, nos parece que o conceito de Escrivência, gestado por Conceição Evaristo dialoga muito com a categoria de Amefricanidade, visto que este visa subverter, a partir da iniciativa de mulheres negras, a ideia que esse “corpo-mulher negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria” (Evaristo, 2007, p. 54).

Assim, Conceição sacando desse confronto e da importância de se registrar o que antes fora apagado e silenciado, utiliza a escrita para narrar a vida, a Escrivência. Isso se evidencia na seguinte proposição: “afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado” (Evaristo, 2020, p.40). Mas do que isso, a autora se utiliza da arte, neste caso a Literatura, para expor o labor escrivente que abraça outras questões como o recontar das histórias, o juntar de fatos e memórias, a reescrita de si/ desde si, o refutar da historiografia literária eurocêntrica, o forjar da identidade e o olhar atento e cuidadoso para outros saberes e fazeres, construindo pontes “entre o passado e o presente, pois tem traduzido, atualizado e transmutado em produção cultural o saber e a experiência de mulheres através das gerações” (Gomes, 2004, p. 13). Por conseguinte, quando Conceição Evaristo elabora o conceito de “Escrivência” e Chimamanda Ngozi Adichie crítica a ideia da “História Única” reconhecemos esse abalo no projeto literário e político destas, que será melhor discutido no próximo tópico.

AUTORAS DIASPÓRICAS: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL ENTRE/SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO E CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Os estudos culturais pós-coloniais ajudam a ampliar o olhar para autoras privilegiadas nesse material, já que por um lado desmistificam e descentralizam noções cristalizadas de sujeito e identidade, que antes eram lidos e enxergados como “o outro”, em particular na antiga ideia Terceiro Mundista, seja na literatura, no *mainstream* e outros setores. Por outro lado, contestam a política da diferença, afrontando a modernidade hegemônica, criando outras contra-narrativas e outorgando aos sujeitos antes obliterados formas distintas de narrar, escrever e contar suas próprias histórias, a partir de si e de suas referências. Nesse sentido, rupturas são propostas, pelo menos no campo teórico e crítico, já que

As novas políticas culturais da diferença não são simplesmente oposicionais na sua contestação do *mainstream* (ou *malestream*) pela inclusão, nem transgressivas no sentido vanguardista de chocar o público burguês convencional. Ao contrário, elas são articulações distintas de colaboradores talentosos (e geralmente privilegiados) que desejam alinhar-se com pessoas desmoralizadas, desmobilizadas, despolitizadas e desorganizadas no sentido de empoderá-las e habilitá-las para a ação social e, se possível, possibilitar uma insurgência coletiva pela expansão da liberdade, democracia e individualidade. (West, 1994, p. 204)

Somando-se ao intento de contestação, os estudos pós-coloniais dialogam com o pensamento dos Estudos Culturais questionando a ideia do colonialismo, modernidade e, principalmente, as narrativas de oposição entre o Ocidente e o restante do mundo. Assim, a partir dos estudos de Stuart Hall e outros/as se confronta os essencialismos, em particular, a dicotomia entre o colonizado-colonizador e branco-negro, entendendo que o sujeito e, no caso deste texto, o narrador pós-colonial visa uma outra atitude que “exige-se agora a diluição crítica de todas aquelas fronteiras vistas como legados do colonialismo, de um lado, e das lutas anti-coloniais, de outro lado” (Costa, 2006, p. 89).

Nesse sentido, até as formas de representações são percebidas de maneiras distintas por esse narrador, pois, conforme Stuart Hall (2016), é através da linguagem que se opera um sistema representacional, os significados são produzidos e se dá sentido as coisas. Ainda segundo o autor, a linguagem materializa o “circuito cultural” que ganha sentido dentro de determinada área, segmento e comunidade, visto que se relaciona,

[...] na construção da identidade e na demarcação das diferenças, na produção e no consumo, bem como na regulação da conduta social. Entretanto, em todos esses exemplos, e em todas essas diferentes arenas institucionais, um dos "meios" privilegiados através do qual o sentido se vê elaborado e perpassado é a linguagem. (Hall, 2016, p. 22)

Logo, se a linguagem é partilhada por determinado grupo/comunidade, elas podem partilhar códigos culturais similares, visto que estão mergulhadas em um “sistema de representação” – “conceitos, imagens e emoções [que] “dão sentido a” ou representam - em nossa vida mental - objetos que estão, ou podem estar, “lá fora” no mundo”. (Hall, 2016, p. 23). Assim, nos parece que tanto Conceição Evaristo quanto Chimamanda Ngozi Adichie partilham de tais sistemas, especialmente quando defendem suas escrituras e/ou a intenção de narrar suas próprias histórias, como nos excertos abaixo:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007, p. 21).

Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (Adichie, 2009, 09:37)

Evidentemente, cada autora reivindica seu labor literário e político de determinada forma, mas, ambas enxergam esse potencial representado na linguagem. Assim, a representação funciona “como se fossem línguas’ não porque são escritas ou faladas (elas não são), mas sim porque [...] dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia, um sentimento”. (Hall, 2016, p. 23-24).

Logo, a escrita ganha “um sentido de insubordinação”, por Evaristo, e, também, como forma de “destituir uma pessoa” por Adichie, posto que a linguagem age na produção de sentido, evidenciando as relações de poder entre signos, imagens e significados. Isto é, a escrita pode estar a serviço da rasura do passado, da contestação e insurgência, mas também pode aniquilar e silenciar povos e histórias, se utilizada por determinado grupo.

Aliás, isso sinaliza para a abordagem intencional, já que “todos nós, como indivíduos, realmente usamos a linguagem para convencer ou comunicar coisas que são especiais ou únicas para nós, para o nosso modo de ver o mundo”. (Hall, 2016, p. 48). Contudo, existem falhas nessa abordagem, conforme sinaliza Hall (2016), haja visto que os sujeitos não são fontes únicas de significados e sentidos da linguagem.

Mesmo assim, essas autoras por estarem inseridas nesse circuito cultural, conforme apontado por Hall, visualizam no texto/escrita “uma forma de “tornar-se um sujeito” [...] baseada em nossos relatos subjetivos, auto-percepções e narrativas biográficas” (Kilomba, 2019, p. 29). Essas autoras entendem a linguagem como espaço de disputa e de poder, visto que buscam autodefinir-se, nomear-se para contar suas histórias de dentro e não mais pelo olhar do outro, de fora, do discurso hegemônico.

Outro ponto relevante preconizado por essas autoras tem a articulação como força motriz, que é um conceito-chave estudado por Stuart Hall (2016), já que é pelo discurso⁴ que esses sujeitos se (re) posicionam, expressando e conectando ideias a novos elementos. Assim, na ótica pós-colonial tanto os sujeitos quanto os discursos se constituem e articulam, de forma individual ou coletiva, através da linguagem. Nesse sentido, as representações partilhadas possuem uma similitude na produção de sentido, conforme vemos nos excertos de *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, e *Meio Sol Amarelo* (2006), de Chimamanda Ngozi Adichie:

[...] pensou em Nego Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova e outra História. Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (Evaristo, 2006, p. 138)

4 Pondera-se que corroboramos com Stuart Hall, no tocante ao conceito de discurso, baseado em Foucault, que: “Tem a ver com a linguagem e prática, tenta superar a tradicional distinção entre o que uma diz (linguagem) e o que a outra faz (prática)” (Hall, 2016, p. 80).

De volta à cozinha, encontrou Mister Richard lendo as folhas de papel que ele tinha deixado na bancada. “Isso é fantástico, Ugwu.” Ele parecia surpreso. “Olanna lhe contou sobre a mulher que ela encontrou no trem, levando a cabeça do filho?” “Contou, sah. Vai fazer parte de um livro grande. Vou levar uma porção de anos para terminar, e vou chamar de ‘Narrativa da vida de um país’.” “Muito ambicioso”, disse Mister Richard. “Bem que eu gostaria de ter aquele livro do Frederick Douglass. “Deve ter sido um dos livros que eles queimaram”, disse Mister Richard, balançando a cabeça.” (Adichie, 2006, p. 513).

Essas autoras reconhecem o poder da linguagem, pois, conforme Carvalho, “não se subtrai da ação narrada, mas tem em comum com o narrador pós-moderno a criação de um ambiente para a ficção encenar a experiência de alguém que é observado e muitas vezes desprovido de palavra” (Carvalho, 2009, p. 1). Além disso, tais narradoras pós-coloniais apresentam distintas visões de seus mundos, e, ainda da “possibilidade de narração, de representação da experiência e de expressão nesses dois campos que se colocam no cenário acadêmico e cultural da contemporaneidade”. (Carvalho, 2009, p. 1).

Nesse paralelo, na citação de Evaristo, nota-se como tal narrativa, já era uma memória cravada na personagem, e em consequência na autora, trazendo reflexos de uma memória viva e vivida. Assim, à exemplo de Lima Barreto no livro *Diário Íntimo* e de Carolina Maria de Jesus no célebre *Quarto de Despejo*, Conceição quer usar a força das palavras para transpor essas lembranças ao registro escrito, para cravar o lugar da narrativa de seus descendentes, se vingar, borrar o apagamento e a falsa história contada sobre os afro-brasileiros.

Na outra ponta, Adichie no romance *Meio Sol Amarelo* retrata a guerra entre Biafra e a Nigéria na década de 60, sendo um exemplo contundente dessa postura, já que a trama surpreende o leitor ao saber que é Ugwu, um personagem negro e de pouca instrução, quem escreve o livro *The World Was Silent When We Died*. Durante o período do confronto, este personagem curiosamente encontra no alojamento o livro *Narrative of the Life of Frederick Douglass*, uma narrativa norte-americana de escravizados (*an American Slave*).

Assim, na citação de Adichie, está claro o impacto da produção de Douglas na sedimentação do projeto literário de Ugwu, ao partilharem a aquisição do letramento e por quererem contar a história de seus pares, o sofrimento, as vitórias e derrotas. Chimamanda ao trazer a autobiografia de Douglas, reforça o valor da escrita e dessa apropriação para que negros contem a sua versão da história. Por fim, tanto Conceição Evaristo quanto Chimamanda Ngozi Adichie demonstram a força da escrita tida como

algo pulsante, marcado no tempo e história dos afro-brasileiros e africanos na diáspora, apontando para algo ancestral que se mostra em um *continuum*.

CONCLUSÕES

A discussão proposta nesse artigo pressupõe o abalo necessário, e muitas vezes desconfortáveis, do discurso hegemônico, a partir das narrativas de mulheres negras, vivenciadas na América Latina e na Diáspora. O projeto idealizado por essas mulheres, que historicamente foram/são silenciadas e apagadas, remonta saberes e potências outras, formando contra narrativas e discursos ao que está posto. Ao tomar consciência da lógica patriarcal/colonial multiplicam-se nomes, saberes, falas, palavras que tem as mulheres negras como criadoras, por exemplo, na literatura, na música, no direito, na educação, na economia etc.

Logo, as/os autoras/es que vivenciam a Diáspora Africana numa reatualização em América Latina encontram na linguagem a possibilidade de narrar, sem se subtrair do ato de contestar, insurgir e partilhar suas vivências de um ponto específico, que não é apenas geográfico e temporal. Assim, tanto Conceição Evaristo quanto Chimamanda Ngozi Adichie se percebem nessa zona fronteira das identidades dinâmicas, dos deslocamentos forçados e da necessidade de reconstituição de um povo.

Ademais, ao enxergarem a escrita como possibilidade de representação de sentido e significados dão importância de se (re) contar uma outra história sobre a população negra, seja assumindo uma voz autoral, seja narrando os fatos pelos vencidos. Por fim, ao olharem para diversidade dessa comunidade e com a maior incidência da crioulezão no mundo, no cerne dos rastros-resíduos, o sujeito despojado de um aparato linguístico, cultural e identitário vai se perfazendo, expandindo as raízes diaspóricas e amefricanas, lançando outras possibilidades de narrar.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio sol amarelo*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma única história*. In: TED: Ideas worth spreading. Tradução e legendas por Erika Rodrigues. 2009. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em: Maio/2020.

ADICHIE, Chimamanda. Entrevista: Chimamanda Ngozi Adichie: “Nossa época obriga a tomar partido”. *Jornal El Pais*. 11.out. 2017. Entrevista concedida a Claudia Salazar Jiménez. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_4580_23.html. Acesso em: Maio/2020.

ALMEIDA, Sandra. Regina Goulart. Espaços da memória, mapeamentos do corpo: a consciência diaspórica contemporânea segundo Dionne Brand. *Interfaces Brasil/Canadá* (Impresso), v. 1, p. 49-64, 2012.

CARVALHO, Isaias Francisco de. O narrador pós-colonial. In: *Anais... I Conlire - Congresso Nacional de Linguagens e Representações*. Ilhéus: PPG-Linguagens e Representações, out. 2009, 1-10.

COSTA, Sérgio. *Dois atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. In: *Revista Palmares*, p. 52-57. 2007. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

GATES JR., Henry Louis. *Os Negros da América Latina*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. - Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Heloísa Toller. Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea. In: *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia: EDUFU, v.12, n.15, 2004, p. 13-26.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, 92/93, pp. 69-82, 1988 [2018].

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. - 11.ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. In: SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Introdução. In: *Cultura e representação*. Trad. de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: EDIPUC_RIO; APICURI, 2016.

HALL, Stuart. O Papel da Representação. In: *Cultura e representação*. Trad. de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: EDIPUC_RIO; APICURI, p.31-108, 2016.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. - 1.ed. -Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

WALTER, Roland. O espaço literário da diáspora africana: reflexões teóricas. *In: A Cor das Letras*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 9–34, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1483> . Acesso em: 08 de janeiro de 2022.

WEST, Cornel. The New Cultural Politics of Difference. *The Cultural Studies Reader*. [Simon During, ed.] Londres/Nova York: Routledge, 1993, pp. 203-17.

YOUNG, Robert. *White Mythologies. Writing History and the West*. Londres/Nova York: Routledge, 1990.

Recebido em: 13/09/2024

Aceito em: 21/03/2025

Alessandra Barbosa Adão: mestra em Ensino e Relações Étnico-raciais (PPGER), pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB/Itabuna/BA) e Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus, BA). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa: “Legados Africanos, Relações Étnico-Raciais Contemporâneas e Legislação Educacional” (GEPER) e do Grupo de Pesquisa e Estudos em Mídias Alternativas e Midiativismo (GUPEMA). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).